

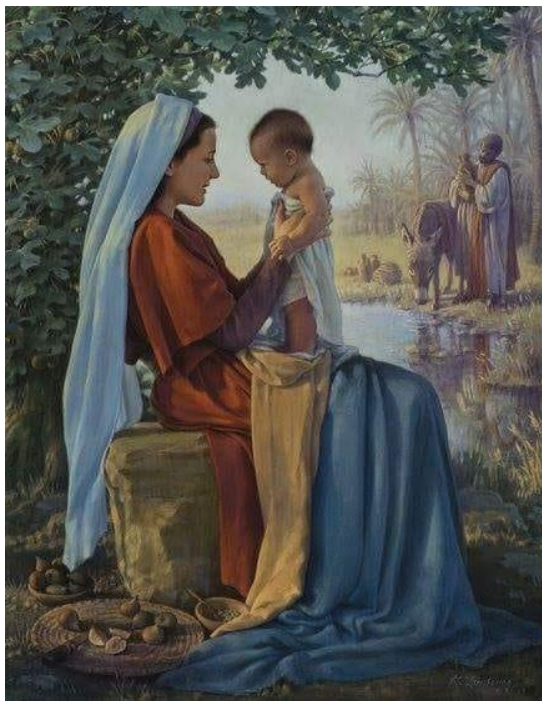


SALVE, MARIA

Ave Maria, nossa Mãe
Companheira do caminho
Solidária com os pequenos...
Cheia de Graça e carinho

Bendita entre as mulheres
Fonte de beleza e luz
Bendito é o fruto
Que nasceu de ti... Jesus

Santa Maria, Mãe de Deus
Rogai por todos/as sofredores
E liberta o povo teu
De poderosos opressores
E nos enche de coragem
Pra denunciar toda maldade
A ganância e os privilégios
Que geram desigualdade



Autoria desconhecida
Autoria de Imagem desconhecida

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Basílica de S. Pedro
Segunda-feira, 29 de junho de 2020*

Na festa dos dois Apóstolos desta cidade,



gostaria de partilhar convosco duas palavras-chave: unidade e profecia.

Unidade. Celebramos conjuntamente duas figuras muito diferentes: Pedro era um pescador que passava os dias entre os remos e as redes; Paulo, um fariseu culto, que ensinava nas sinagogas. Quando saíram em missão, Pedro dirigiu-se aos judeus; Paulo, aos pagãos. E, quando se cruzaram os seus caminhos, discutiram animadamente, como Paulo não tem vergonha de contar numa carta (cf. *Gal 2, 11-14*). Enfim, eram duas pessoas muito diferentes, mas sentiam-se irmãos, como numa família unida onde muitas vezes se discute mas sem deixar de se amarem. Contudo a familiaridade, que os unia, não provinha de inclinações naturais, mas do Senhor. Ele não nos mandou agradar, mas amar. É Ele que nos une, sem nos uniformizar. Une-nos nas diferenças.

A primeira Leitura de hoje leva-nos à fonte desta unidade. Narra que a Igreja, pouco depois de ter nascido, passava por uma fase crítica: Herodes não lhe dava paz, a perseguição era violenta, o apóstolo



Tiago fora morto; e agora acabou preso o próprio Pedro. A comunidade parece decapitada; cada qual teme pela própria vida. Contudo, neste momento trágico, ninguém foge, ninguém pensa em salvar a pele, ninguém abandona os outros, mas todos *rezam juntos*. Da oração, tiram coragem; da oração, vem uma unidade mais forte do que qualquer ameaça. Diz o texto que, «enquanto Pedro estava encerrado na prisão, a Igreja orava a Deus, instantemente, por ele» (At 12, 5). A unidade é um princípio que se ativa com a oração, porque a oração permite ao Espírito Santo intervir, abrir à esperança, encurtar as distâncias, manter-nos juntos nas dificuldades.

Notemos outra coisa: naqueles momentos dramáticos, ninguém se lamenta do mal, das perseguições, de Herodes. Ninguém insulta Herodes; e nós estamos tão habituados a insultar os responsáveis. É inútil, e até chato, que os cristãos percam tempo a lamentar-se do mundo, da sociedade, daquilo que está errado. As lamentações não mudam nada. Lembremo-nos de que as lamentações são a segunda porta que fechamos ao Espírito Santo, como vos disse no dia de Pentecostes: a primeira é o narcisismo, a segunda o desânimo, a terceira é o pessimismo. O narcisismo leva-te a parar diante do espelho, a olhar continuamente para ti; o desânimo, às lamentações; o pessimismo, ao enigmático, à escuridão. Estas três atitudes fecham a porta ao Espírito Santo. Aqueles cristãos não culpavam, mas rezavam. Naquela comunidade, ninguém dizia: «Se Pedro tivesse sido mais cauteloso, não estaríamos nesta situação». Ninguém o dizia. Humanamente havia motivos para criticar Pedro, mas ninguém o criticava. Não murmuravam contra ele, mas rezavam por

ele. Não falavam por trás, mas falavam com Deus. Hoje, podemos interrogar-nos: «Guardamos a nossa unidade com a oração: a nossa unidade da Igreja? Rezamos uns pelos outros?» Que aconteceria se se rezasse mais e murmurasse menos, deixando a língua um pouco mais tranquila? Aquilo que aconteceu a Pedro na prisão: como então, muitas portas que separam, abrir-se-iam; muitas algemas que imobilizam, cairiam. E nós ficaríamos maravilhados, como sucedeu àquela serva que, ao perceber que Pedro está à porta, nem pensa em abrir, mas volta para a sala a correr, estupefata pela alegria de ter ouvido a voz de Pedro (cf. At 12, 10-17). Peçamos a



graça de saber rezar uns pelos outros. São Paulo exortava os cristãos a rezar por todos, mas em primeiro lugar por quem governa (cf. 1 Tim 2, 1-3). «Mas este governante é...», e os adjetivos são muitos. Não os digo, porque este não é o momento nem o lugar para repetir os adjetivos que se ouvem contra os governantes. Deixemos que Deus os julgue! Nós rezemos pelos governantes. Rezemos... Precisam da nossa oração. É uma tarefa que o Senhor nos confia. Temo-la cumprido? Ou limitamo-nos a falar, a insultar? Quando rezamos, Deus espera que nos lembremos também de quem não pensa como nós, de quem nos bateu a porta na cara, das pessoas a quem



nos custa perdoar. Só a oração desata as algemas, como a Pedro; só a oração deixa livre o caminho para a unidade.

Neste dia, benzem-se os pálios que serão entregues ao Decano do Colégio Cardinalício e aos Arcebispos Metropolitanos nomeados no decorrer do último ano. O pálio recorda a unidade entre as ovelhas e o Pastor que, como Jesus, carrega a ovelha aos ombros e nunca mais a larga. Além disso, segundo uma bela tradição, hoje unimo-nos de maneira especial ao Patriarcado Ecumênico de Constantinopla. Pedro e André eram irmãos; e entre nós, quando é possível, trocamos uma visita fraterna nas respectivas festas; não tanto por gentileza, mas para caminhar juntos rumo à meta que o Senhor nos indica: a unidade plena. Hoje, eles não conseguiram vir, pela dificuldade de viajar devido ao coronavírus, mas quando desci para venerar as relíquias de Pedro, no coração sentia junto de mim o meu amado irmão Bartolomeu. Eles estão, aqui, conosco.

A segunda palavra: *profecia. Unidade e profecia.* Os nossos Apóstolos foram *provocados por Jesus.* Pedro ouviu-O perguntar-lhe: «Tu, quem dizes que Eu sou?» (cf. *Mt 16, 15*). Naquele momento, compreendeu que, ao Senhor, não lhe interessam as opiniões gerais, mas a opção pessoal de O seguir. Também a vida de Paulo mudou depois duma provocação de Jesus: «Saulo, Saulo, porque Me persegues?» (*At 9, 4*). O Senhor abalou-o dentro: mais do que fazê-lo cair por terra no caminho de Damasco, derrubou a sua presunção de homem religioso e bom. Assim um Saulo altivo tornou-se Paulo: Paulo, que significa «pequeno». A estas provocações, a estas inversões da vida seguem as profecias: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»

(*Mt 16, 18*); e a Paulo: «É instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos» (*At 9, 15*). Assim, a profecia nasce quando nos deixamos provocar por Deus: não quando gerimos a própria tranquilidade, mantendo tudo sob controle. Não nasce do meu pensamento; não nasce do meu coração fechado. Nasce, se nos deixarmos provocar por Deus. Quando o Evangelho inverte as certezas, brota a profecia. Só quem se abre às surpresas de Deus é que se torna profeta. Vemo-lo em Pedro e Paulo, profetas que enxergam mais além: Pedro é o primeiro a proclamar que Jesus é «o Messias, o Filho de Deus vivo» (*Mt 16, 16*); Paulo antecipa a conclusão da sua vida: «Já me aguarda a merecida coroa, que me entregará, naquele dia, o Senhor» (*2 Tim 4, 8*).

Hoje precisamos de profecia, mas de verdadeira profecia: não discursos que prometem o impossível, mas testemunhos de que o Evangelho é possível. Não são necessárias manifestações miraculosas. Dá-me pena ao ouvir proclamar: «Queremos uma Igreja profética». Muito bem! E que fazes para que a Igreja seja profética? Servem vidas que manifestam o milagre do amor de Deus. Não potência, mas coerência; não palavras, mas oração; não proclamações, mas serviço. Queres uma Igreja profética? Começa a servir, e não digas nada. Não teoria, mas testemunho. Precisamos não de ser ricos, mas de amar os pobres; não de ganhar para nós, mas de nos gastarmos pelos outros; não do consenso do mundo, do estar de bem com todos (entre nós usa-se a expressão: «estar de bem com Deus e com o diabo»), estar de bem com todos, não! Isto não é profecia. Mas precisamos da alegria pelo mundo que virá; não daqueles projetos pastorais que parecem



conter em si mesmos a própria eficiência, como se fossem Sacramentos! Projetos pastorais eficientes, não; mas precisamos de pastores que ofereçam a vida: de *enamorados de Deus*. Foi assim, como enamorados, que Pedro e Paulo anunciaram Jesus. Pedro, antes de ser colocado na cruz, não pensa em si mesmo, mas no seu Senhor e, considerando-se indigno de morrer como Ele, pede para ser crucificado de cabeça para baixo. Paulo está para ser decapitado e pensa só em dar a vida, escrevendo que quer ser «oferecido como sacrifício» (2 *Tim* 4, 6). Isto é profecia... e não palavras. Isto é profecia, a profecia que muda a história.

Amados irmãos e irmãs, Jesus profetizou a Pedro: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja». Existe, também para nós, uma profecia semelhante; encontra-se no último livro da Bíblia, quando Jesus promete às suas testemunhas fiéis «uma pedra branca», na qual «estará gravado um novo nome» (*Ap* 2, 17). Como o Senhor transformou Simão em Pedro, assim chama a cada um para fazer de nós pedras vivas, com as quais construir uma Igreja e uma humanidade renovadas. Há sempre quem destrua a unidade e quem apague a profecia, mas o Senhor acredita em nós e pede-te: «Tu queres ser construtor de unidade? Queres ser profeta do meu céu na terra?» Irmãos e irmãs, deixemo-nos provocar por Jesus e ganhemos a coragem de Lhe dizer: «Sim, quero»!

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200629_omelia-pallio.html

UMA DÉCADA DE ESPAÇO MARIANO



Celebrando dez anos de existência do subsídio **ESPAÇO MARIANO**, a serviço do Reino de Deus, a fim de viver com fidelidade o ardente desejo de Madre Elisa: “Que Jesus Cristo seja amado e conhecido”; “só a Deus eu procuro, a Jesus amo, a Maria Santíssima sirvo”, queremos ressignificar a iluminadora afirmação sobre a Vida Religiosa Consagrada contida na Exortação Apostólica *Vita Consecrata*: “A Vida Consagrada é importante precisamente por ser superabundância de gratuidade e de amor, o que se torna ainda mais verdadeiro num mundo que se arrisca a ficar sufocado na vertigem do efêmero. Sem este sinal concreto, a caridade que anima a Igreja inteira correria o risco de refrear-se, o paradoxo salvífico do Evangelho de atenuar-se, o “sal” da fé de diluir-se num mundo em fase de secularização. A vida da Igreja e a própria sociedade têm necessidade de pessoas capazes de se dedicarem totalmente a Deus e aos outros por amor de Deus” (VC 105).

Portanto, à luz do valor da Vida Religiosa Consagrada e do Carisma das Servas de Maria Reparadoras, vivido a serviço do Reino, agradecemos ao Bom Deus por tudo o que foi realizado no serviço da



evangelização, também através de ESPAÇO MARIANO. Além disso, o documento Vita Consecrata, incentiva os consagrados e consagradas, a permanecer disponíveis, fiéis a Jesus Cristo, à Igreja, ao Instituto, ao povo do nosso tempo: “Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai o futuro, para o qual vos projeta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas” (VC 110).

Foi exatamente isto que Maria Inglese, depois Irmã Maria Dolores Inglese, no fim do século XIX e início do século XX, movida pelo Espírito Santo, intuiu e transmitiu com entusiasmo na Igreja de seu tempo, sua devoção e amor intenso por Maria Santíssima, através de um significativo Folheto: Quanto é Buona Maria! (Como Maria é bondosa)! Com o passar do tempo, este subsídio transformou-se em uma Revista de formação e de pastoral Mariana que perdura até aos nossos dias, com o título: Riparazione Mariana, dirigida pelas Servas de Maria Reparadoras, no Centro Mariano “Beata Vergine Addolorata”, em Rovigo - Itália.

Nas diversas realidades onde a Congregação realiza sua missão, a exemplo destas primeiras Irmãs, as Servas de Maria Reparadoras empenham-se para viver e exprimir “a fidelidade ao chamado de humilde serviço e de generosa reparação mariana, procurando prolongar na História da Salvação a presença ativa da Mãe de Jesus” (Const. art.9). No Brasil, desde o início, foram muitas as iniciativas neste sentido. E, nos últimos dez anos, com o objetivo de intensificar a formação cristã, nossa espiritualidade mariana usando uma linguagem mais acessível ao povo, com ousadia dizemos que, como

Irmã Maria Dolores Inglese, damos início a um Folheto dando-lhe o nome de ESPAÇO MARIANO, com o desejo profundo de proporcionar aos leitores e leitoras um maior conhecimento de Jesus e de sua Mãe Maria, a fim de que, aos poucos, cada um/a adquira um novo jeito de ser, transformando o próprio ambiente de trabalho e seu cotidiano com o estilo mariano da família de Nazaré.

Foram oferecidos três números, ao ano, de ESPAÇO MARIANO. Cada um contém três pequenos Capítulos: o primeiro sobre Formação mariana, o segundo sobre Seguimento de Jesus Cristo, o terceiro, em geral, sobre o Carisma e Espiritualidade da nossa Família religiosa, de diversas fontes e ultimamente traduzido da Revista Riparazione Mariana, sinal de comunhão com o Centro Mariano de Rovigo, uma de nossas significativas casas das origens. Este Folheto sempre teve como objetivo a Formação para as Comunidades SMR, a Associação “Nossa Senhora das Dores” e outras pessoas que desejam aprofundar a própria vida e missão na Igreja e na sociedade atual, iluminadas pela espiritualidade da nossa Família religiosa. Este ano, alegremo-nos por estar comemorando dez anos desta iniciativa e louvamos ao Senhor por ela estar gerando seus frutos entre as Irmãs SMR, a Associação “Nossa Senhora das Dores”, em diversas famílias, através de um maior conhecimento de Maria e de seu Filho Jesus. Nossa gratidão ao Senhor, também porque, inspirando-nos em Santa Maria, aprendemos qualificar nossa vida e missão com atitudes de amor, ternura, compaixão, solidariedade em relação aos irmãos e irmãs, especialmente aqueles que encontramos em diversas situações de vulnerabilidade. E na esperança que este



novo normal vislumbrado com a pandemia, frutifique o cultivo dos valores imorredouros ressaltados na Cristologia e Eclesiologia que pervarde o seguimento de Jesus inspirando-se em Maria de Nazaré.

E assim, como Família das Servas de Maria Reparadoras, a caminho do Centenário de Missão Ad gentes, possamos cantar o nosso Magnificat, a Deus Pai pelo seu imenso amor e pela sua constante misericórdia sobre cada um/a de nós suas filhas e filhos.

Equipe de reflexão

Centro de espiritualidade Maria Mãe da Vida

MARIA, MÃE E VIRGEM NOS INSPIRA AO CUIDADO COM A CRIAÇÃO



No mês em que comemoramos o **quinto aniversário da Carta Encíclica do Papa Francisco *Laudato Si'***, é importante lembrar do apelo urgente de proteger a nossa casa comum, e com a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral. O Papa propõe um debate que una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e tem impacto sobre todos

nós, o cuidado com a casa comum, com todo o planeta, a criação de Deus (LS, n. 14)

O que a Virgem e Mãe Maria, movida pelo Espírito que acolheu o Verbo da Vida tem a nos dizer sobre esse cuidado com a Casa Comum, a mãe terra?

A *Laudato Si'* nos ensina que o cuidado com a casa comum nos põe em sintonia com uma verdade escandalosa e que nos provoca a tomar uma atitude: a abordagem ecológica nos leva a uma abordagem social. Isto significa afirmar que quando nos deparamos com questões ecológicas escutamos o clamor da terra como clamor dos pobres da terra. Esses são os que mais sofrem (LS, n. 49).

Maria no canto do Magnificat elevou um clamor ao Pai, que ainda hoje pode ser dirigido para que todas as pessoas despertem para o compromisso com a criação de Deus, com a vida e a dignidade do ser humano e de toda a criação. É importante destacar que esse compromisso e missão é de todos.

Maria e José eram pobres. Eles esperam como o povo da promessa, o tempo de Deus para libertar o povo de tanta opressão e sofrimento. Muitas pessoas daquele tempo esperavam o Messias com um rei, com riqueza e poder, mas Jesus nasce pobre, no meio dos pobres.

Vale recordar o Sermão da Natividade de São Teódato de Ancira (séc. V): “O que é rico por nós se fez pobre, tornando visível a todos a salvação com a força da divindade. (...) Porém, quem era o que nos enriquecia? De que nos enriquecia? E como ele se fez pobre por nós? Diga-me por favor. Deus - diz - enriquece a criatura. Portanto, é Deus quem se fez pobre, fazendo a sua pobreza do que se tornava visível, ele é verdadeiramente rico em sua divindade; e por nós ele se fez pobre”.

*Congregação das Servas de Maria Reparadoras
Rua da Cascata, 47 – Tijuca, Rio de Janeiro, R.J.*



Maria, a Mãe da evangelização é “aquela que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. Como mãe, todos, ela é sinal de esperança para todos os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça” (EG, n. 286).

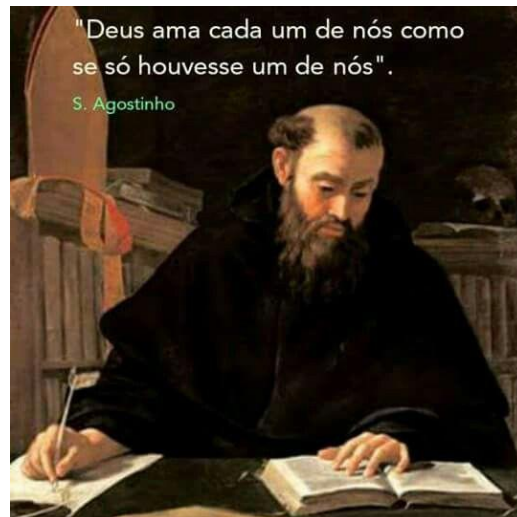
Maria, a Mãe de Jesus, a Virgem e fecunda é **terra virgem**. Ela recebeu uma bênção especial do Senhor, que a fez uma criatura encantadora. Deixou-se fecundar por Deus. Reservou o melhor de si, seu corpo e seu coração, para Jesus e o Reino. Nós também somos como a terra virgem, mas não esperemos ser fecundados pela nossa própria satisfação. Porém, se quisermos viver de acordo com os valores do Reino de Deus, deveremos ser capazes de amar e, em nome do amor, buscar a felicidade e o bem-estar de todos, e denunciar com coragem profética todos os que vivem e pregam os valores que não são do Reino de Deus.

Ela louva a Deus porque em Jesus se renova toda a criação, a nova humanidade se faz na alegria, na alegria e no transbordamento da Trindade que nos ensina a servir com alegria e a não faltar a alegria de servir. A natureza quer viver, mas precisa ser cuidada e não somente explorada, o mesmo para cada pessoa em sua corporeidade e espiritualidade.

Sejamos como Maria, terra fértil, onde possa brotar muitos e bons frutos do amor de Deus, para gerar a vida nova em Cristo, transbordante de amor e da caridade que não se cansa de cuidar uns dos outros.

*Celia Soares de Sousa
Mestra em teologia e pós graduanda em
Mariologia pela AMA e Faculdade Dehoniana.
Instituto Humanitas Unisinos - IHU/ Maio de
2020*

ORAÇÃO DE SANTO AGOSTINHO



Reconheço que sou um ser humano,
Porque assim Deus me fez,
E meu coração de visita não poderia ser
outro.
Apesar de eu ser frágil, de barro,
Quis Ele gravar sua imagem
No mais profundo de minha alma.
O mais importante de minha história
Não é o que eu fiz, mas o que Deus fez
em mim,
Lavrando a terra endurecida de minha
vida.
Também os artistas fazem obras de arte
Com o barro mais humilde.
Deus entrou em minha vida,
Inundou de sol todos os seus rincões
E senti a alma crescida como uma lua
cheia.
Colecionei sonhos e busquei aplausos,
Até que a luz de Deus entrou em minha
alma confusa.
Deus e eu falamos de coração aberto,
Em meu jardim interior.
Meus dias, cobertos de cinzas,
Receberam a água limpa do Batismo
Numa bendita noite de Páscoa.
Amei, amei muito e sem descanso.



Sempre encontrei gente pelos corredores
de meu coração,
Mas Deus me amou de forma mais
intensa.
Sou homem de origem, semente de
esperança,
Obrigado a gritar que não há noite eterna,
Que levamos a luz sob a pele
E construímos a cidade de DEUS
Com o suor de cada dia,

Santo Agostinho

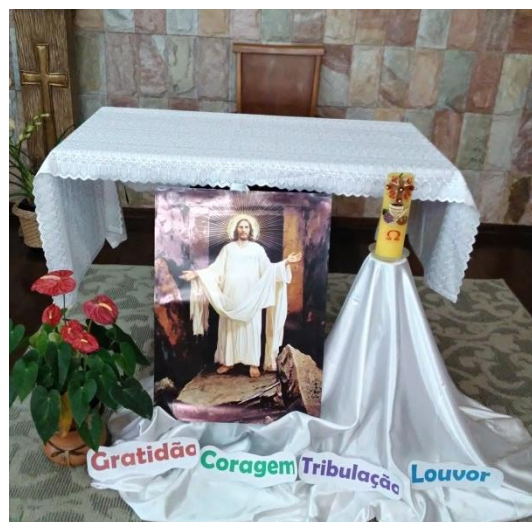
“COM QUE SABEDORIA HABITAREMOS O CORAÇÃO DA VIDA?”

Este foi o tema de uma Palestra com o padre José Tolentino de Mendonça, poeta e teólogo português, no Centro Loyola – BH, no dia 07 de junho de 2014. Atualmente Cardeal e arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e Bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana, na Cúria Romana. O fato de partilhar um pouco desta palestra é porque me chamou muito atenção esta reflexão, apesar de que há quatro anos atrás nem passava pela cabeça o que hoje estaríamos vivendo, mas nos ajuda a



refletir sobre o momento atual e dar sentido à vida.

Assim começa o palestrante: “O hábito não faz o monge”, nesta frase há uma certa ironia, mas, “o hábito é o marcador de uma identidade, como uma espécie de um espelho”. O verbo habitar significa ocupar como residência, residir, mas na vida não basta habitar, é necessário construir a própria identidade. Quantas vezes nos vemos ou vemos as pessoas por este “espelho”. A vida, diz o padre, “não é apenas como um estalar de dedo e já se consegue..., mas é como mergulhamos, como construímos a nossa identidade a partir do encontro com o mistério, com o enigma da própria vida. Não é viver por viver, mas é dar sentido ao que se vive. “O verdadeiro hábito é o que nos coloca no



coração da vida, isto é, num lugar mais autêntico, num lugar onde verdadeiramente estou”. Esta formulação “coração da vida” é inabitual, no dia a dia de nossas vidas não temos esta consciência, isto porque raramente nós entramos no coração da vida, mas ficamos à porta, ou seja, vivemos de forma muito superficial. Nesse momento atual da vida, somos interpelados/os a dar um mergulho mais profundo no sentido da existência, e talvez seja isso o “desespero” de muitas

*Congregação das Servas de Maria Reparadoras
Rua da Cascata, 47 – Tijuca, Rio de Janeiro, R.J.*



peças, pelo confronto com a própria vida.

Outra palavra que o padre José fala é a sabedoria. “Desde a nossa infância, através de nossos progenitores, vivemos num aprendizado de saberes, mas a sabedoria não nos permite apenas ganhar a vida, mas vivê-la”. Esta sabedoria nós a encontramos na relação com Deus, na relação conosco mesmas, com os outros e com a natureza. Agora, mais do que nunca, somos chamadas/os a viver esta experiência que, para alguns ela pode ser muito dolorosa justamente pela dificuldade de se relacionar a começar consigo mesmo, mas este é o lugar que aprendemos a viver com autenticidade. “O mundo nos oferece muitas coisas, muitas oportunidades, contudo, falta uma sabedoria, uma ciência que nos ajuda a ser, que nos ajuda a viver”. Quem sabe não ser este o tempo oportuno, onde estamos aprendendo a lidar conosco mesmo na superação de tantos limites, na aceitação; talvez seja este o momento de sermos aquilo que somos chamados a ser, o que o Autor da vida pensou. E, aqui vem um terceiro ponto que o palestrante nos ajuda a refletir: a questão do inacabado. “Nas mãos do Oleiro o Universo, nós nos descobrimos inacabados”. Esta é uma das formas de sabedoria, o dar-se conta de que sou uma obra inacabada, ou seja, em construção. E o mais interessante de tudo isso é que, “quanto mais vivemos, crescemos, amadurecemos, ao invés de sentirmos acabados, resolvidos..., é o contrário, vai aumentando o vazio, o questionamento interior, a consciência do nosso próprio ser inacabado. Mas de repente descobrimos que a vida está em aberto. E perguntamos: Mas por que nos descobrimos assim inacabados? Por que

nos descobrimos nas mãos do Oleiro”, descobrimos que esta é experiência possível da criação, descobrimos que a vida é uma sucessão de nascimento e que estamos continuamente num processo de criação, de modelagem. Para mim isto é muito gratificante; nestes tempos de isolamento social, ter esta consciência de que, com uma vida mais reclusa, com mais tempo para mim mesma ter esta consciência de que estou/estamos nas mãos de Deus, o Divino Oleiro, sendo recriada/os ou em processo de acabamento. Mas para isso é necessária uma espiritualidade autêntica e, “espiritualidade autêntica, diz o padre é aquela que nos reenvia a nós mesmos para o que somos, nosso corpo, nosso olhar, nosso riso, nossa indignação. Se nós não abraçarmos a nossa indignação nunca vamos abraçar; se não aceitarmos a nossa



pobreza nunca vamos aceitá-la”. Por que a indignação está sempre conosco, e com a pandemia estamos sentindo isso. Porém não devemos parar na indignação em si,



mas perceber que a verdadeira sabedoria que nos faz entrar no coração da vida é a sabedoria da indigência, da pobreza, do inacabado, do aberto, mas em processo de mudança e transformação. É a experiência que fazemos de nós mesmas/os, da nossa limitação, da nossa vulnerabilidade que nos faz termos nas mãos e perceber o quanto necessitamos do trabalho contínuo do Divino Oleiro em nós. Somente amando as nossas imperfeições, o nosso ser inacabado é que Ele pode continuar a Sua obra. E esta é a única possibilidade de sermos abraçados por Deus, de um abraço de salvação, que se dá no encontro definitivo com Ele.

Irmã Eva de Jesus Santos, SMR - BH

PRECISAMOS DAR VALOR PARA CADA INSTANTE DE NOSSAS VIDAS



Há alguns meses trouxe presente para minha oração essa bela *Canção: Trem-Bala*, da cantora, *Ana Vilela*. A canção fala de uma forma muito bonita e especial, sobre a fecundidade da Vida e do valor que as pessoas têm como dom de Deus. Isto foi suscitando em mim a sensibilidade do quão frágil é a vida e o quanto temos valorizado as coisas e descartado cada vez

mais as pessoas. Aqui partilho alguns trechos da música com luzes em minhas orações:

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si

É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti

É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz

É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós...

Não é sobre Ter e sim Ser e sentir... Como é bom sentir a leveza que os momentos simples nos proporcionam, quando começamos a Ser ao invés de Ter, ficamos radiantes como na nossa infância, esperando a chuva, para corrermos e nos molharmos nela... É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós. “É SABER SE SENTIR INFINITO...”. Diante de um mundo que parece estar ao contrário sem limites onde “muitos” vivem a cultura da indiferença, o preconceito e as mais variadas formas de violência, seja ela cultural ou política, por acreditar que a simplicidade da vida é besteira.

Então “Fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar...” Que é a simplicidade da vida que torna leve, cheia de esperança e assim, o Senhor vai acendo luzes quando vamos precisando delas para saber lidar com as diversidades que a jornada proporciona ao longo do caminho. As dificuldades, como este tempo novo que junto com toda humanidade estamos vivendo, e tantas outras nos permitem aprendizados bem como a caminhar com mais fortaleza, pés no chão e fortalecimento da Fé. Sem precisar atropelar momentos, situações, pessoas, e sim caminhar vivendo um dia de cada vez, apreciando cada minuto, mais tarde ou mais cedo a existência da



falta se fará presente, pois somos obras inacabadas.

Não é sobre chegar ao topo do mundo e saber que venceu

É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu

É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações

E assim ter amigos contigo em todas as situações...

Reconhecer o quanto a caminhada para chegar até aquele lugar ou sonho foi importante para te fortalecer e trazer aprendizado. A vida segue numa velocidade assustadora, que não nos permite pausas, almejamos aprender a tocar algum instrumento, mas nos esquecemos de como é tocar um coração. O tempo de amar, de pedir perdão e perdoar, dizer que está com saudade e correr para um abraço depois que tudo isso passar, valorizar as pessoas são hoje, porque, como diz a música: *“Quando menos se espera a vida já ficou pra trás.”*

A gente não pode ter tudo

Qual seria a graça do mundo se fosse assim

Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar

E sim sobre cada momento sorriso a se compartilhar

Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais

Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás...

Nosso Mestre Jesus Cristo nos deixou esse convite: *“Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.”* (Mt 16,24) Sem obstáculos não haveria vitórias com lutas, e quando elas chegarem, não pare de caminhar, reflita, silencie, diminua os passos, mas não pare de caminhar. É o processo que irá fazer tudo valer a pena. Valorizar os que estão

perto ou longe de nós como também os momentos em comunidade, família e amigos.

Sorria e abrace teus pais enquanto estão aqui

Que a vida é trem-bala, parceiro

E a gente é só passageiro prestes a partir...

Precisamos cultivar e dar valor para cada instante de nossas vidas, desde a hora em que nos levantamos até quando vamos nos deitar. Sem jamais nos esquecermos de nossos valores, nunca se cansando de aprender com cada experiência ou com cada pessoa que aparece em nosso caminho. Quero aproveitar essa viagem em um trem-bala que é a nossa vida, tentar apreciar e sentir o Mistério do amor maior que é Jesus habitado em mim e nos meus irmãos, guardar boas lembranças, redescobrir e descobrir a essência de quem já passou e está ao meu lado me permitindo escrever a minha história. A vida passa e a gente nem vê, e isso é arriscado demais deixar acontecer. Por isso eu prefiro os sorrisos e os presentes que a vida trouxe pra perto de mim.

Noviça: Elaine Alves Silva

RESILIÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Falamos de resiliência, mas o que vem a



ser essa palavra, principalmente neste tempo em que estamos vivendo?



Resiliência é a arte de vencer as crises e as provas, aprender com as experiências dolorosas e com os imprevistos e transformar essas experiências dolorosas e adversas em novas perspectivas. Só assim seremos capazes de superar os obstáculos e problemas, reagindo de forma positiva diante deles sem entrar em conflito.

Por isso é necessário nos perguntar como estamos vivendo esse tempo, como e o que estamos vencendo, aprendendo e transformando diante de tudo isso? Como estamos nos reinventando neste tempo de quarentena, na nossa vida pessoal, comunitária e na nossa vida de oração? O que tem nos ajudado a fazer o nosso caminho com mais serenidade?

Um tempo que tem nos ensinado sobre a importância da vivência comunitária, os momentos vividos e partilhados juntos, momentos de orações, de partilha de vida, tendo a possibilidades de conhecer sempre mais minhas irmãs de comunidade, e assim ir percebendo os seus dons, a riqueza que cada uma é dentro da comunidade e o quanto me ajudam a fazer o meu caminho com mais serenidade.

Para que aconteça essa transformação, são necessárias a empatia e colaboração, o se colocar no lugar da/o outra/o, aquela/e que convive conosco e de toda a humanidade. Isto é viver a solidariedade.

Tenhamos paciência e serenidade, fiquemos tranquilas/os, pois temos a certeza de que Deus esta conosco e de que Ele é o sentido da nossa vida. Não temos que fugir, pois a fuga não é educativa, temos que ficar em casa na casa de Deus, essa casa que é o nosso próprio coração, e estando em casa ir revendo, renovando, reconfigurando, reciclando e abrindo as fronteiras do nosso coração para as transformações que sejam

necessárias e para as oportunidades de crescimento.

Para que esse processo de vencer, aprender e transformar aconteça é necessário tocarmos a cruz, abraçarmos a cruz e estarmos de pé diante da cruz, pois isso significa que ainda acreditamos na Ressurreição, e que temos a certeza de que mesmo diante das dores e dificuldades o Cristo Ressuscitado está conosco. É tempo de ver o quanto a dinâmica da Páscoa está forte em nós.

Noviça: Rosângela Brito Pereira

CORPUS CHRISTI: “DEUS SE FEZ



CORPO EM NOSSOS CORPOS”

A celebração da Solenidade de Corpus Christi, como todas as celebrações litúrgicas, a partir de março desse ano, devido o isolamento social, tem sido atípica, diferente de tudo que já se viu e se possa imaginar. Nós, Comunidade Maria de Nazaré, participamos da celebração de Corpus Christi, na Paróquia de São Francisco a convite do padre Rogério Eustáquio. Tudo dentro das normas da



OMS e do estado de Minas, isto é, um grupo razoável de pessoas, todos de máscaras e mantendo a regra de distanciamento e assim celebramos em comunhão com tantas pessoas que gostariam muito de estar fisicamente.

Muito me ajudou a riquíssima reflexão do padre Adroaldo intitulada: “Deus se fez corpo em nossos corpos” e também a homilia do padre Rogerio me fez sentir em comunhão com este corpo místico de Cristo, que é a Igreja. “A encarnação foi o caminho que a Trindade escolheu para se aproximar da humanidade e fazer história conosco”. É um mistério tão grande, como diz Augusto Cury: nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar os pequenos grandes. É justamente esta a grandeza deste mistério, de nós participarmos dele, fazer parte, ser um/a com Ele.

E contemplando a Eucaristia, brotou em mim uma gratidão profunda por fazer parte deste corpo “crustificado”, assim como todas/os aquelas/es que comungam do mesmo Pão. O Deus encarnado que se faz presente em todas as realidades e situações que estamos vivendo; o quanto ele sofre com os que sofrem, com os que choram. Mas ao mesmo tempo senti uma “tristeza” quando o padre Adroaldo descreve, me ajudando a rezar e refletir

ano não foi possível. Assim diz: “o que pensará Jesus ao passar diante das casas onde hoje falta o pão? Que pensará Jesus ao passar diante de crianças que têm fome? Que pensará Jesus ao passar diante de homens e mulheres que o acompanham com o estômago vazio, sendo ele mesmo o verdadeiro pão? Que pensará Jesus ao ser levado nos ‘andores’ e carros alegóricos por pessoas que não conhecem a fome, enquanto à margem aplaudam os famintos?” São questionamentos que nos ajudam a celebrar e vivenciar este mistério, quem sabe, de forma mais humanizada em solidariedade e comunhão com tantos famintos e às vezes nem precisamos ir muito longe, mas nós mesmas/os quanto temos fome de humanidade, serenidade, confiança, compaixão, paciência..., para lidar com as adversidades, com aquilo que não está no nosso controle. Quantos têm fortunas, mas mendigam o pão da alegria; têm cultura, porém falta-lhes o pão da tranquilidade. O grande apelo que o Cristo nos faz é que sejamos sensíveis a estas realidades a começar dentro de nossas comunidades e famílias. Tenhamos humildade e percebamos a presença dele que caminha conosco e, principalmente que o percebamos naquele “que passa vestido de mendigo, desempregado,



sobre as grandes e belas procissões que todos os anos fazemos nesta festa, e esse

enfermo, faminto, solitário, abandonado..., que nos convida a viver a



Eucaristia, não como milagre nem como mistério, mas como **lugar de encontro** com os mais necessitados”. Não basta apenas receber o Pão, mas sermos pão todos os dias.

Irmã Eva de Jesus Santos, SMR

RUMO AO NOVO NORMAL

“Veio a hora, e é agora. Murmurando esta palavra do Senhor, convençamo-nos de que esta hora exata de nosso tempo humano é a hora que Ele previu, que Ele quis desde sempre para comer sua Páscoa conosco.

É agora que Ele vem, é agora que Ele passa, é agora que Ele fala.

Já não há o antes, já não há o depois; não pensemos que nós poderíamos pausar o tempo, nem façamos previsão do que iríamos fazer depois.

A oração verdadeira não tem depois nem além.

Deveríamos sempre nos entregar à oração como se nada mais pudesse acontecer depois dela, como se ela marcasse a conclusão declarada de nossa vida”.

(F. Trévedy)

Fazer silêncio no coração para ouvir o que o Senhor quer falar nos acontecimentos atuais, é desafiante em si mesmo. O Mistério de Deus que perpassa a história humana propicia o sentimento de dar sempre os primeiros passos para perscrutar a vontade divina. A humanidade foi surpreendida por um minúsculo vírus que assusta por sua potência em provocar mudanças radicais em todas as áreas e, sobretudo, pelas mortes, independente de idade, igualando as pessoas como filhos e filhas de Deus, apesar das diferenças geradas pelo ser humano.

Surgiram diversas iniciativas para viver este tempo de isolamento social. Citei uma delas próximo à casa de minha irmã e cunhado. Um casal vizinho, colocou nas caixas de Correios explicando o que já vinham fazendo alguns dias, colocando através de um aparelho de som na varanda de seu apartamento: *“Vamos, diariamente, às 18 horas, unirmo-nos em oração pelo nosso Brasil pelos enfermos, pelos que partiram, por aqueles que estão na linha de frente nos hospitais arriscando a própria vida por nós.*

Oremos por aqueles que precisam sair de seus lares para o exercício de diversos trabalhos. Oremos pelos nossos familiares, vizinhos e amigos.

Que nossas janelas, que nossas varandas sejam portais a emanarem a poderosa energia de cura, resultado de nossas orações, em nome de Jesus, em favor dos que sofrem e choram.”



E às 18 horas, diariamente, toda vizinhança para e eleva o pensamento a Deus ao ouvir a música NOITES TRAIÇOEIRAS, de autoria de José Carlos Papae, na voz de Eliana Ribeiro: *“Deus está aqui neste momento, sua presença é real em meu viver./ Entregue tua vida e teus problemas. Fale com Deus, Ele vai ajudar você. / Deus te trouxe aqui para aliviar o teu sofrimento. É Ele o autor da fé do princípio ao fim em todos os momentos.*

*Congregação das Servas de Maria Reparadoras
Rua da Cascata, 47 – Tijuca, Rio de Janeiro, RJ.*



Província Nossa Senhora Aparecida

E ainda se vier noites traiçoeiras/ Se a cruz pesada for/ Cristo estará contigo. O mundo pode até fazer você chorar, mas Deus te quer sorrindo.

Seja qual for o seu problema/ Fale com Deus, Ele vai ajudar você. Após a dor vem sempre a alegria/ pois Deus é amor e não te deixará sofrer./ Deus te trouxe aqui para aliviar o teu sofrimento./ É Ele o autor da fé, do princípio ao fim em todos os momentos.”

E, após a canção, é feita uma reflexão, agradecendo a Deus por sua presença constante que alivia e sustenta a fé cumprindo sua promessa de não deixar que se caminhe sozinho/as em nenhuma das situações existenciais.

O testemunho que ouvi desta experiência diária é gratificante porque alimenta a espiritualidade vivencial. Em cada varanda, as pessoas aguardam o momento orante, de quinze minutos. Até mesmo os frequentadores de um bar próximo param e elevam o olhar aos céus.

Louvido seja Deus que suscita nos corações humanos a sensibilidade de cultivar em si mesmo/a e em outrem, ainda que não se conheça a gratidão por suas maravilhas que recriam a humanidade rumo ao Novo Normal!

Tereza Maria Lacerda, SMR

HUMILDADE: ACEITAÇÃO DOS PRÓPRIOS LIMITES E ACOLHIDA DAS LIMITAÇÕES DAS OUTRAS/OS

A Comunidade Nossa Senhora do Silêncio tem a alegria de compartilhar com vocês a síntese da reflexão e partilha comunitária a partir da leitura dos artigos 11, 12 e 13 das Constituições SMR – *Vida*



Comum, e do livro de Anselm Grün e Ramona Robben: *Estabelecer Limites - Respeitar Limites*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2013, 5ª Ed - (IV Capítulo: **Vivemos dentro de limites estabelecidos** - p. 47-54). Com simplicidade, cada Irmã partilhou sobre os aspectos que lhe ajudou na oração e reflexão: Os limites fazem parte da nossa condição de criatura por não sermos infinitas. É uma experiência de Deus! Daí



compreende-se quando aparece uma tensão, o conflito: por sermos criaturas limitadas, não estamos satisfeitas com finitudes. A sabedoria da nossa condição é

*Congregação das Servas de Maria Reparadoras
Rua da Cascata, 47 – Tijuca, Rio de Janeiro, RJ.*



não se acomodar e desejar ir além. A Palavra de Deus nos ajuda alimentar a nossa fé e dar sentido a esse tema que estamos refletindo. Reconhecer que o conhecimento é limitado, onde reina a mentalidade de que todo mundo tem que saber tudo. Não é fácil, reconhecer-se limitada sem se acomodar e é por causa disto que as pessoas falham. Porém, o erro como tal é uma grande aprendizagem como estamos aprendendo com a Pandemia, quanta novidade está sendo descoberta a partir de nós mesmas. Nas nossas Constituições, encontramos poucos elementos, apenas o dom da aceitação e valorização de cada uma. (cf. art. 13) O respeito, aceitação e valorização de nossa vida comunitária com a finitude de cada uma, a sabedoria da vida.

Perceber a própria limitação, e junto com o desejo de descobrir dentro de si os



limites pessoais vem também a cruz. Os artigos 11 e 13 das Constituições ressaltam a acolhida recíproca e conduzem, na escolha do chamado à Vida Religiosa; trabalhar, conhecer e acolher quem caminha comigo com suas limitações e do chamado a buscar além que é dom de Deus, na medida em que damos um passo e conhecemos quem convive conosco.



Tudo está interligado ao que estamos vivenciando neste tempo de Pandemia, o valor, a riqueza, o ter e o saber se deparam com o limite. Rezar sobre o tema comunitário das Constituições, acompanhar as Irmãs ao Hospital, durante estes anos na Sede Provincial, os muitos afazeres, às vezes, não conseguimos harmonizar tudo isso: temos percepção de que se faz necessário se dar conta e integrar. É preciso saber envelhecer, formando-se sobre as limitações, trabalhando os próprios limites. Somos um ser de desejo, mas nos deparamos com o limite. É importante refletir sobre a nossa vivência como condição pessoal nas relações comunitárias. Há muros, há espaços que trazem luzes que nos revelam a ação do próprio Deus. Por isso, devemos saber respeitar o limite e agradecer, com a graça de Deus, pelo que a gente faz agora, e poderíamos fazer mais, porém com o passar dos anos, não poderemos realizar quase nada. Dentro dos próprios limites saber que a graça de Deus nos concede a capacidade de fazer, mas para quê e como estou fazendo? Pensar nas condições de quem se convive, com os limites é sempre um desafio. Harmonizar tudo isso com fé, disponibilidade e abertura requer confiança em Deus.

Que bom sermos seres limitadas/os. Destacamos dois pontos: 1º passividade e



2º construir algo, usando a criatividade. Nós não somos eternas; que o Senhor nos ajude mais na compreensão de nós mesmas e dos/as outros/as. Na experiência de Jó, ele vai descobrindo que perdeu tudo: bens, familiares e amigos, para se encontrar consigo mesmo e para que Deus fosse tudo nele. Nesta questão de ser limitada, na descoberta de que a outra deve ser acolhida com suas limitações, encontra-se a serenidade na vida e se irradia a paz que vem do próprio Deus. E fugir desta situação, é não aceitar que o respeito e a acolhida da outra, vai ajudá-la a crescer na vida comunitária, portanto, faltou intensificar o que realmente é grande: o amor, a compaixão, a experiência que estamos fazendo hoje por causa da Pandemia, no isolamento se vive intensamente o amor a Deus e a humanidade, tendo compaixão pelos outros que caminham conosco, num intenso cuidado com tudo que nos rodeia para evitar a contaminação do Covid-19. Acreditando na finitude da vida, vivendo o momento presente, o cultivo de relações mais humanas e adultas nos levam a aceitação dos nossos limites pessoais e a consideração dos limites de quem convive conosco.

Cada etapa da vida tem a sua beleza, basta reconhecê-la para ser feliz e irradiar luzes de confiança no nosso bom Deus.

Ter sempre presente que os dons pessoais de cada pessoa completam os limites da outra, unificados pela valorização e humildade. Por isso, aquilo que não temos capacidade de realizar, vai ter como extensão a aceitação da capacidade da outra pessoa, que possui dons diferentes, mas também é limitada. Perceber esta condição de ser limitada e aceita-la porque não sou capaz de fazer tudo, é preciso humildade. A aceitação das limitações

deve ser trabalhada durante cada etapa da vida, deste modo se chegará à idade mais avançada, com leveza na vivência comunitária. Pode-se dizer que este trabalho é difícil; mas, Deus, no seu amor infinito, ajuda-nos a vencer as dificuldades e a crescer na humildade, numa entrega serena e confiante em suas mãos.

Deus concede ao ser humano a capacidade de prolongar a vida das pessoas através dos conhecimentos científicos e tecnológicos. Isto requer amor sincero e responsabilidade por tudo o que fazemos na busca de soluções plausíveis e suficientes para salvar vidas no meio desta Pandemia. Percebe-se que os próprios cientistas uniram seus conhecimentos em busca da compreensão deste vírus e assim encontrar uma vacina que controle este mal universal. Se cada um ficasse dentro do seu muro, fechado nas suas limitações, como pessoa angustiada, chegaria à finitude sem alcançar nada nem para si nem para os outros. É importante, estabelecer relações novas e criativas, tendo em conta os próprios limites e os dos outros, para sermos capazes de aproveitar o já existente para recriá-lo de modo mais eficaz, tornando-o um bem para o planeta terra.

Os limites e a humildade caminham de mãos dadas para que haja harmonia e beleza durante a vida e plenitude na nossa volta ao Pai, que nos ama, com amor infinito.

Comunidade da Sede provincial NSA



Província Nossa Senhora Aparecida

NOSSA COMUNHÃO COM AS FAMÍLIAS DAS NOSSAS IRMÃS

† 20/05 – Rute de Sousa Pereira, irmã da
Irmã Lúcia Figueira de Sousa.

† 24/05 – Luiz Lanhi, irmão das Irmãs
Graciema e Maria Antônia.

CELEBRAÇÃO DA VIDA

Maio

10. Ir. M. Adelaide Frigo
17. Ir. M. Atília Dambroz
19. Ir. M. Helena Frigo
22. Ir. M. Firmina P. Vieira
26. Ir. M. Helena da S. Cunha



Que este dia, tão lindo, tão especial e tão seu,
seja marcado de grandes e felizes momentos,
para que fique nas melhores lembranças de sua vida.
Deus te abençoe hoje e sempre!

Junho

08. Ir. M. Augusta Oliveira
10. Ir. M. Tereza Grezele
15. Ir. M. Ana Paula Ribeiro
24. Ir. M. Isa Schirlene Nunes
25. Ir. M. Neide T. Bizerra
25. Ir. M. Sandra Longhini

SUMÁRIO

Salve, Maria	01
Homilia do Papa Francisco	01
Uma década de Espaço mariano	04
Maria Mãe e Virgem	06
Oração de Santo Agostinho	07
Com que sabedoria habitamos	08
Precisamos dar valor ...	10
Resiliência	11
Corpus Christi	12
Rumo ao novo normal	14
Humildade: aceitação dos limites	15
Nossa comunhão	18
Aniversários	18
Sumário	18

P
A
R
A
B
É
N
S!!!